



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Harriet Tubman: O papel da mulher negra na resistência à escravidão nos Estados Unidos da América

Harriet Tubman: The role of black woman in resistance to enslavement in United States of
America

Anita Natividade Carneiro¹

Resumo: O sistema escravocrata nos Estados Unidos perdurou por 240 anos e sequestrou aproximadamente 305.326 pessoas da África para suas terras. O tráfico brutal de seres humanos ocorrido na época colonial e pós-colonial gerou diversas formas de resistência. Nessa conjuntura, no presente artigo, será abordada a participação da mulher negra na resistência à escravidão nesse país, com foco especial na abolicionista Harriet Tubman (1822-1913). Desse modo, em um primeiro momento, apresento uma contextualização breve do sistema escravista nos Estados Unidos; depois, são pontuadas as formas de violência e de resistência, demonstrando, assim, que existiu luta contra o sistema por parte das mulheres negras; por fim, é apresentado a história de Harriet como forma de ilustrar essas resistências.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Escravidão, Estados Unidos da América.

Abstract: The slave system in the United States lasted for 240 years and abducted approximately 305.326 people from Africa to their land. The brutal human trafficking occurred in the colonial and postcolonial Era has generated various forms of resistance. Under this conjuncture, I intend to explore in the article the participation of black women in the enslavement resistance in that country, with special focus on abolitionist Harriet Tubman (1822-1913). In a first moment, I present a brief contextualization of the slave system in the United States, then the forms of violence and resistance are punctuated, thus demonstrating that there was a struggle against the system by black women and, finally, it is presented to Harriet's story as a way of illustrating these resistances.

Keywords: Black Women, Slavery, United States of America.

Introdução

“A história revolucionária dos negros é rica, inspiradora e desconhecida. Negros se rebelaram contra os caçadores de escravos na África; rebelaram-se contra os comerciantes de escravos no Atlântico. Se rebelaram nas *plantations* [...] O negro

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com habilitação em licenciatura (2018/1) e em bacharelado com ênfase em pesquisa histórica (2018/2). Durante a graduação desenvolveu pesquisas através de bolsa de Iniciação à Popularização da Ciência CNPq-CAPES e bolsa de Iniciação Científica pela FAPERGS. Idealizadora dos projetos Caminhos da Ditadura em Porto Alegre e Historiar-se. Atualmente atua como educadora social. Lattes <http://lattes.cnpq.br/8967476380951010>. E-mail: anitanatividade@hotmail.com.

dócil é um mito [...] O único lugar onde os negros não se rebelaram é nos livros dos historiadores capitalistas.”²

Escrever e refletir sobre o período da escravização não é tarefa fácil. A temática exige que se tenha estômago forte para ler relatos de maus-tratos que atentam contra todos os princípios dos direitos humanos. No entanto, precisamos estudar esse tema e, sobretudo, levá-lo à sala de aula, pois suas raízes ainda se encontram nas mais diversas ex-colônias, do Brasil aos Estados Unidos da América. As marcas da escravização de seres humanos nessas sociedades permanecem até hoje, é preciso reconhecer isso.

Escolhi trabalhar com esse período através da ótica da resistência, com personagens que quase sempre ficaram à margem da pesquisa acadêmica e da sala de aula da educação básica: a mulher negra. Partindo do panorama mais amplo que foi a escravização nos Estados Unidos, sigo para a resistência das mulheres negras e concludo com a história de uma das mais importantes abolicionistas da época: Harriet Tubman.

A segunda escravização nos Estados Unidos

De acordo com o *site Slave Voyages*³, aproximadamente, em 240 anos de escravização nos Estados Unidos, foram sequestrados e embarcados aproximadamente 305.326 pessoas da África para trabalharem de maneira forçada nos mais diversos tipos de atividades, chegando aos portos estadunidenses em torno de 252.652 pessoas. Podemos observar, através deste dado inicial, a discrepância entre a quantidade de pessoas que embarcava e as que não chegavam ao chamado Novo Mundo devido à massacrante viagem pelo qual eram submetidas. Somente em 1808 entrará em vigor a abolição do tráfico transatlântico norte-americano e britânico⁴, apresentando assim vertiginosa queda na chegada de navios negreiros e por consequência de trabalhadores nas *plantations*⁵. A maneira com que os senhores que dependiam da mão de obra escravizada tiveram de manter a sua produção foi através do tráfico interestadual, cessado, apenas em 1863, com a assinatura da lei de emancipação pelo presidente Abraham Lincoln,

² Retirado do artigo de Jenifer Tristan “Mulheres negras, capitalismo e revolução”, citação de C.L.R. James (historiador, jornalista, socialista teórico e ensaísta de Trinidad e Tobago) Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/Mulheres-negras-capitalismo-e-revolucao-16536> Acesso em 22/09/2017.

³ Dados disponíveis em <http://www.slavevoyages.org/assessment/estimates> Acesso em 21/09/2017.

⁴ Um mapa dinâmico mostra através dos anos a frequência desse tráfico entre continentes http://www.slate.com/articles/life/the_history_of_american_slavery/2015/06/animated_interactive_of_the_history_of_the_atlantic_slave_trade.html Acesso em 06/08/2018.

⁵ Mesmo com a lei pelo fim do tráfico transatlântico, há estimativas de que “menos de 10 mil cativos foram ilegalmente introduzidos no país entre 1808 e 1820” (Marques, 2017, p. 348).

durante a Guerra Civil (1861-1865), dando fim então à escravização nos Estados Unidos da América.

O tráfico interestadual, portanto, se converge para um emaranhado de disputas internas entre sul e norte e a movimentação de cativos no âmbito doméstico. Podemos pontuar, também que, nesse momento ocorre uma manobra econômica e política por parte do governo estadunidense para conter essas disputas com a lei aprovada em 1850 no Congresso chamada de *Fugitive Slave Act*⁶, na qual prevê a captura e retorno de cativos fugitivos que escaparam de um estado para o outro. Essas fugas ocorriam constantemente uma vez que, dada a organização política do governo norte-americano, diversos estados já haviam abolido a escravização em seu território enquanto outros continuavam com esta prática⁷.

A expansão da demanda pela mão de obra escravizada do continente africano por parte dos Estados Unidos deu-se, principalmente, pela época em que o mundo europeu vivia. Dessa maneira, a primeira Revolução Industrial (1760 - 1860) e o crescimento da escravização foram fatores interdependentes, pois o principal produto produzido nos Estados Unidos que utilizava a mão de obra africana era o mesmo fundamental para a indústria têxtil: o algodão. Segundo estudiosos como Kenneth Pomeranz, dificilmente sem essa ampliação do tráfico teria ocorrido a Revolução Industrial (BAPTIST, 2013, p. 9).

Portanto, a expansão do escravismo no Novo Mundo serviu à demanda internacional por mais matéria prima a qual necessitava a Revolução Industrial. Ou seja, uma das fases mais cruciais para o desenvolvimento do capitalismo, foi realizada através de sangue, suor e mortes de pessoas cativas. Retornando aos dados dos Estados Unidos (Tabela 1) no tráfico transatlântico, pode-se observar que, a partir de 1726, ele cresce de uma forma vertiginosa e só declinará 100 anos depois, como efeitos da sua proibição em 1808.

⁶ Essa lei também foi deturpada pelos senhores, pois muitos começaram a “caçar” afro-americanos que eram livres de nascença. Ela também acelerou o processo da Guerra Civil, visto que o norte estava descontente com os usos dela. Para saber mais sobre o *Fugitive Slave Act* leia <https://www.britannica.com/event/Fugitive-Slave-Acts> Acesso em 20/09/2017.

⁷ Acompanhe a animação que retrata a abolição da escravidão em cada território estadunidense <https://goo.gl/rUwKM1> Acesso em 06/08/2018

Tabela 1 Tráfego de cativos transatlânticos (apenas os embarcados). Fonte: Slave Voyages Disponível em <http://www.slavevoyages.org/assessment/estimates> Acesso em 21/09/2017.

	Espanha / Uruguay	Portugal / Brasil	Grã-Bretanha	Países Baixos	EUA	França	Dinamarca / Báltico	Totais
1501-1525	6.363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526-1550	25.375	25.367	0	0	0	0	0	50.762
1551-1575	28.167	31.089	1.685	0	0	66	0	61.007
1576-1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601-1625	83.496	267.519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626-1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651-1675	12.601	244.793	122.367	100.526	0	7.125	653	488.065
1676-1700	5.860	297.272	272.200	85.847	3.327	29.484	25.685	719.675
1701-1725	0	474.447	410.597	73.816	3.277	120.939	5.833	1.088.909
1726-1750	0	536.696	554.042	83.095	34.004	259.095	4.793	1.471.725
1751-1775	4.239	528.693	832.047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776-1800	6.415	673.167	748.612	40.773	67.443	433.061	39.199	2.008.670
1801-1825	168.087	1.160.601	283.959	2.669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826-1850	400.728	1.299.969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851-1875	215.824	9.309	0	0	476	0	0	225.609
Totais	1.061.524	5.848.266	3.259.441	554.336	305.326	1.381.404	111.040	12.521.337

Ademais, o gráfico permite atentar para o fato de que cada país escravista recebeu de forma diferente o contingente escravizado. Em Portugal/Brasil e Espanha/Uruguai, por exemplo, a chegada massiva já ocorria nos primórdios da colonização sendo esta relação diferente dos Estados Unidos com sua colonização tardia⁸ e diferenciada do restante da América Portuguesa e Espanhola, em que era mais voltada inicialmente – nas regiões centrais e norte - para o povoamento do que para exploração. Para mais, verifica-se que mesmo após a abolição do tráfico transatlântico o Brasil continua a receber e, inclusive, aumentar de forma drástica o embarque de negros e negras da África, fato que não é acompanhado pelos estadunidenses que recebem cada vez menos a partir de 1826.

O crescimento da mão de obra escravizada interdependente ao desenvolvimento da Revolução Industrial gerou, neste período, a segunda escravização⁹. Localizada principalmente nos Estados Unidos, Brasil e Cuba, iniciou no fim do século XVIII e seu declínio, na América do Norte, ocorre por volta de 1865, com o fim da escravidão no país dois anos antes. Composta como mercadoria principal o algodão, a segunda escravização, por precisar atender a demandas cada vez maiores dos mercados consumidores, foi extremamente violenta, impondo cotas para a coleta desse produto (MARQUESE & PARRON, 2011).

⁸ A colonização dos Estados Unidos pelos puritanos ocorre a partir dos anos 1600, sendo o primeiro assentamento inglês de 1607.

⁹ Para entender melhor a segunda escravização e as diferenças da primeira, sugiro o vídeo do canal Leitura Obrigatória, no Youtube, “O que foi a segunda escravidão? - Conceitos Históricos” Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CpGQbbyPIIE> Acesso em 21/09/2017.

O historiador Edward E. Baptist aponta que a colheita era exaustiva, uma vez que exigia rapidez e habilidade na extração do algodão ainda quando essa cota diária não era atingida,

a ‘mão do algodão’ passava por um brutal açoitamento (em alguns casos, para completar a lógica desse sistema de contabilidade, escravistas davam uma chicotada por libra abaixo da cota, chamando isso de ‘pagamento’ para contrabalançar a ‘dívida’ referente ao algodão que deixou de ser catado ao longo do dia). Alguns escravos norte-americanos chamavam esse sistema *de whipping machine* [máquina de bater] e associavam o processo à uma tecnologia de tortura que visava extrair maiores esforços nos campos e muito mais. (BAPTIST, 2013, p. 11 e 12)

Como podemos observar, o caráter vil da escravização tendeu a se agravar na medida em que se necessitava de mais resultados nas extrações de matérias primas. No entanto, as reações e resistência dos cativos também começaram a ser maiores, bem como o movimento abolicionista foi crescendo e diversas formas foram encontradas para resistir, desde as fugas, os cultos religiosos, as conexões familiares, até mesmo as canções¹⁰.

Por meio também das resistências assim como o desenvolvimento do pensamento iluminista no período, aos poucos o debate abolicionista foi tomando conta da esfera pública. Outro episódio que impacta fortemente o debate em toda a América é a revolta de escravizados de São Domingos no Haiti (1791-1804), única revolta vitoriosa do período. Em 1794, por exemplo, ocorre pela primeira vez na Filadélfia uma reunião das sociedades abolicionistas estadunidenses para discutir uma ação conjunta. Como já mencionada, devido à formação do país, os estados tem autonomia para decidir se aboliam ou não a escravatura, sempre destacando a dicotomia entre Norte e Sul, em que o segundo era muito mais dependente economicamente da mão de obra escravizada. A escravidão fazia parte das estruturas econômicas, mas também sociais do país, tornando-se, assim, complexo o debate, haja vista que ele estava conectado fortemente com questões de capital, poder e privilégios (BLACKBURN, 2002).

Mesmo em um trabalho que tenha como foco as questões de resistência, é necessário pontuar as formas de violência, com intuito não de promover um “vitimismo” (como alguns podem nomear), mas sim para continuar denunciando as formas com que essas pessoas foram tratadas em uma época em que o que mais se recorda é o progresso da civilização ocidental branca. Ademais, é fato que existem muito mais fontes sobre as formas de subjugar do que as resistências, até por que se desconhece a quantidade de pessoas que resistiram e perderam a vida por causa disso sem ao menos ter a chance de que sua história chegasse até os dias atuais.

¹⁰ Como é explorado no texto de Martha Abreu “O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição”, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, n° 69, pp.177-204, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v35n69/1806-9347-rbh-35-69-00177.pdf> Acesso em 21/09/2017.

No próximo tópico, pretendo explorar a questão da mulher negra, a violência que sofreram e suas formas de resistência no período escravocrata. É sabido, por vivermos em um sistema patriarcal, machista e racista, que essas mulheres foram tratadas de maneiras diferentes no regime escravista do que homens negros. Suas maneiras de lidar com a opressão são parte importante da História que pretende conferir agência a essas importantes referências de luta.

Mulheres negras *versus* a escravização

Tratei até o momento a escravização como sistema que se conecta fortemente com o capitalismo para tornar-se mais cruel com as pessoas que serviam como mão de obra cativa. No entanto, por meio dos atravessamentos de classe, raça e gênero, a opressão sentida pelas mulheres negras nas *plantations* era diferente da sofrida pelos homens negros.

Jenifer Tristan, estudante de ciências sociais, em seu artigo previamente citado, aponta que o entendimento atual sobre a condição da mulher negra escravizada é um misto do limitado conhecimento que temos sobre o assunto com a importância dessas mulheres na produção das riquezas, consistindo uma tarefa difícil compreender completamente as peculiaridades das situações que essas mulheres negras enfrentavam. É fato que o sistema de punição atingia tanto homens quanto mulheres escravizadas, mas não de forma igualitária, sendo que essas últimas sofriam também com a coerção sexual. Portanto, podemos afirmar que o estupro sistemático não era apenas uma prática em vista de saciar a vontade dos senhores, de modo que também se afiliava a uma manifestação de poder, sobretudo econômico (TRISTAN, 2017, sem paginação).

A exploração sexual da mulher negra ocorreu, então, como forma de controle social no sistema escravocrata (COLLINS, 2002, 2004). Nesta relação, portanto, podemos utilizar a categoria de biopoder¹¹ em que, por serem mulheres e por serem negras, a prática do estupro é uma forma de domínio através do abalo mental e físico do outro. No texto de Treva B. Johnson e Jessica Marie Johnson (2014), com base em Angela Davis¹², as autoras tecem sobre a especificidade com que as mulheres negras escravizadas eram tratadas

(...) a dinâmica de gênero de trabalho cativo especializado favorecia aos homens mais oportunidades de mobilidade fora das *plantations*, mais renda, e um tratamento especial dentro da hierarquia das mesmas. Como mulher, escravizadas não podiam ocupar posições similares, deixando-as mais propensas a se envolver com trabalhos mais extenuantes no campo, e elas não tinham a proteção da sua feminilidade quando era demandado esse tipo de trabalho. Mulheres escravizadas, além disso, continuaram

¹¹ Conceito cunhado por Foucault “O biopoder é um poder que se exerce sobre a vida, seja diretamente sobre a vida de cada pessoa em particular, seja por meio de uma ação sobre a vida das pessoas enquanto membros de uma população, compondo assim uma espécie de ‘naturalidade biológica’” (PELLIZZARO, 2013, p. 156)

¹² É uma intelectual estadunidense conhecida por sua militância nas causas feministas e negra, foi integrante dos Panteras Negras nos anos 1970.

a desempenhar a maior parte do trabalho doméstico dentro das famílias cativas. (JOHNSON & JOHNSON, 2014, sem paginação)¹³

Como podemos observar, o mito de que mulheres trabalhavam apenas no âmbito doméstico é falso, bem como a ideia de que a feminilidade foi um fator apaziguador nas tensões entre senhores e escravizadas. Em seu livro, “Mulheres, Raça e Classe” (2016), Angela Davis, aborda essa falácia da seguinte forma:

Como em geral acontece, porém, a realidade se opõe diametralmente ao mito. Tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura. Embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa de escravas realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. Por volta de meados do século XIX, sete em cada oito pessoas escravizadas, tanto mulheres como homens, trabalhavam na lavoura. (DAVIS, 2016, p. 18)

No entanto, apesar dessas situações, diversas mulheres desafiaram as leis e o status quo da época ao não se submeterem às condições desumanas do sistema escravocrata. Normalmente, as mulheres buscavam atos de resistência diária em vez de fugir (algo que era mais comum em homens cativos), como, por exemplo: roubar, deliberadamente atrasar a realização de tarefas, fingir doenças (WILLIAMS, 2014, p. 115). Ainda, poderiam realizar atos de resistência mais explícitos e desafiadores, como: resistir às tentativas de assédio sexual dos homens brancos, defender suas famílias, participar de paralisações e rebeliões, envenenar senhores, realizar ações de sabotagem, juntar-se às comunidades de escravos fugitivos (DAVIS, 2016, p. 31) e até mesmo praticas extremas contra si mesmas como o aborto e o suicídio¹⁴. Dessa maneira, por meio de registros documentais levantados, por exemplo, no trabalho de Herbert Aptheker¹⁵, pode-se afirmar que as revoltas de escravizadas em respeito a sua condição não eram uma exceção como ainda se perpetua (DAVIS, 2016, p. 31)¹⁶.

Outra prática de resistência ficou conhecida como *Underground Railroad* (Ferrovia Subterrânea), em que, apesar do nome de *railroad*, esse trajeto não envolvia diretamente uma ferrovia e, na verdade, foram locais e pessoas abolicionistas que ajudavam a abrigar e transportar cativos até estados livres como Canadá, Cuba e México em busca de liberdade (BROYLD, 2014). A personagem que veremos a seguir, Harriet Tubman, serviu como

¹³ Tradução pela autora.

¹⁴ Indico alguns textos sobre isso que tratam dessas práticas no Brasil. A lacuna de trabalhos em português sobre as mulheres negras escravizadas nos Estados Unidos foi uma dificuldade na expansão deste artigo. Dourado, 2017; Delphino, 2007.

¹⁵ A obra, sem tradução para o português, intitulada *American Negro Slave Revolts*. Disponível em <https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.533101/2015.533101.American-Negro#page/n0> Acesso 07/08/2018.

¹⁶ Para mais relatos de resistência, sugiro o capítulo “O Legado da Escravidão: Parâmetros para uma nova condição da mulher” do livro de Angela Davis “Mulheres, Raça e Classe”, 2016.

condutora para mais de 70 cativos, realizando aproximadamente treze viagens de ida e volta na rota do *Underground Railroad* (WHITEHEAD, 2014a). Devido a suas viagens de resgate, Tubman recebeu o apelido de “Moisés Negra”, pois assim como o personagem bíblico, ela guiava seu povo para a libertação para a Terra Prometida.

Além disso, apesar de inúmeros historiadores já terem escrito sobre o desmantelamento da família cativa durante o período colonial e pós-colonial, atualmente se acredita que os laços familiares permaneceram, “a vitalidade da família se mostrou mais forte do que os rigores desumanizantes da escravidão” (DAVIS, 2016, p. 16), entretanto, ainda não é bem estudado o papel da mulher negra nessa questão¹⁷. Ademais, quando entramos na época em que o tráfico transatlântico é abolido, as mulheres negras passam a ter um novo serviço - de reprodutoras:

Mas isso não significa que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (DAVIS, 2016, p. 19)

Existe, portanto, uma contradição da maternidade relacionada à raça que permanece nessas sociedades que conviveram com a escravização por um longo tempo. Pois, a maternidade para as mulheres brancas era (e ainda é) vista como algo que glorifica e fortalece o *status* social da mesma, enquanto para as mulheres negras, na época escravocrata os seus filhos eram tratados como mercadoria e, nos dias atuais, é conhecida a prática de esterilização forçada como forma de higienização social¹⁸. Esse sistema impôs às mulheres negras práticas quanto a sua maternidade como a separação de mães e filhos/filhas, elas também não eram isentas do trabalho nas lavouras, permanecendo separadas e, muitas vezes, impossibilitadas de amamentar, assim como eram utilizadas como amas de leite para os filhos das senhoras (DAVIS, 2016).

A crueldade do sistema escravocrata para com as mulheres negras, apresentado neste tópico, foi sem tamanho e as sequelas desse período chegam às afro-americanas até os dias atuais. As maneiras de atuação contra a escravização nas suas formas diárias - como o atraso de tarefas e roubar e nas suas formas mais violentas, como o suicídio e envenenamento de senhores - apontam que por trás de uma estrutura brutal havia muita resistência. No próximo tópico, apresentarei uma das figuras de resistência mais importantes do abolicionismo

¹⁷ Para saber mais sobre essa temática *ibidem*.

¹⁸ Para saber mais sobre o assunto <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-racismo-e-a-nao-garantia-dos-direitos-reprodutivos/> Acessado em 07/08/2018

estadunidense, Harriet Tubman, e como a história de vida dela se conecta com as formas de resistir apresentadas até o momento.

A terra prometida de Harriet Tubman



Figura 1 Montagem feita para ilustrar o rosto de Harriet Tubman na nova nota de 20 dólares. Disponível em <https://goo.gl/ENnREe> Acesso em 20/09/2017.

Em 2016, foi anunciado que em 2020, ano em que completa 100 anos do direito de voto das mulheres nos Estados Unidos, a cédula de vinte dólares estamparia o rosto de Harriet Tubman. É a primeira grande mudança nas notas desde 1929, atualmente quem estampa a nota de vinte dólares é Andrew Jackson – apoiador da escravidão, dono de escravizados e ainda foi responsável por realocar à força populações originárias. Realizada uma consulta popular no ano anterior, das 15 candidatas, Harriet foi a mais votada, seguida de Eleanor Roosevelt que ocupará juntamente com a cantora negra Marian Anderson a nota de cinco dólares¹⁹. O resgate da história de Harriet Tubman, em tempos em que a comunidade negra nos Estados Unidos sofre com o descaso do Estado em setores essenciais para uma vida digna e a brutalidade de forças policiais das ruas, não é por acaso. Uma abolicionista que desafiou as normas da sociedade norte americana tanto na questão racial quanto na de gênero, merece que seu legado seja reconhecido e estudado.

Quem foi Harriet Tubman?

¹⁹ Notícias disponíveis em El País https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/internacional/1461172106_807682.html e Nexo Jornal <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/10/Quem-%C3%A9-Harriet-Tubman-a-mulher-negra-que-estampar%C3%A1-nota-de-US-20> Acesso em 07/08/2018.

Devido às dificuldades em saber datas de nascimento de cativos, existem divergências sobre o de Araminta “Minty” Ross - primeiro nome de Harriet Tubman, por isso, o mais aceito atualmente é de que tenha nascido entre fevereiro e março de 1822. Seus pais eram escravizados na fazenda de Anthony Thompson na sua *plantation* no estado de Maryland, no entanto entre 1823/1824, a mãe de Harriet e seus irmãos são separados do seu pai, que fica na fazenda de Thompson, para irem morar e servirem de mão de obra na fazenda do seu enteado Edward Brodess. Com apenas seis anos de idade, Harriet Tubman já trabalhava emprestada para outros fazendeiros próximos. Nessa época, ela começa a adquirir as primeiras cicatrizes dos castigos que recebia de seus patrões. Entre os doze e quinze, ocorre um episódio na vida de Tubman que deixa sequelas para a vida inteira, ela é atingida por um pedaço de ferro que foi jogado por um capataz que tentava impedir a fuga de outro cativo; essa ferida não é tratada, fazendo com que até o fim de sua vida Harriet sofresse com dores de cabeça fortes e episódios de epilepsia.

Mediante este primeiro contato com a infância e adolescência de Harriet, pode-se observar que a sua vida - até o momento - não foi tão diferente dos episódios relatados nos tópicos anteriores. Tubman, assim como diversas outras mulheres negras escravizadas, também sofreu com a separação de parte de sua família. Desde cedo, ela conheceu o trabalho pesado nas *plantations* e a violência com que era tratada se assemelha com as formas de controle social pelo qual essas pessoas eram submetidas. É importante situar também que Harriet nasce no período em que o tráfico transatlântico de escravizados já é abolido na forma da lei, torando fundamental uma maior vigilância dos escravizados para que não fugissem.



Figura 2 Harriet Tubman já em uma idade avançada. A falta de fotografias dos primeiros anos de vida de Harriet - como de tantos outros escravizados e libertos - é também uma forma de desumanização provocada pelo sistema

escravagista. Nota-se que nesta imagem a abolicionista está com uma boa aparência diferente de outras imagens normalmente vinculadas sobre escravidão. Provável que tenha sido tirada após o reconhecimento dela como uma importante figura para a história estadunidense. Fonte <https://goo.gl/z9x6nW> Acesso em 20/09/2017.

Entre os quinze e os vinte anos de idade, Harriet retorna a fazenda em que seu pai se encontrava, trabalhando como doméstica, bem como mão de obra tanto no campo como no porto e também como lenhadora. Em 1844, casa-se com John Tubman, um homem livre, e a partir desse momento adota o nome Harriet e o sobrenome do marido. Essa relação era complicada um vez que se Harriet gerasse filhos estes seriam tratados como escravizados, portanto sabe-se muito pouco sobre os motivos do porque John Tubman não acompanhou Harriet nessas primeiras tentativas de fuga. Em 1849, com 27 anos, Harriet foge duas vezes por medo de que fosse vendida para pagar as dívidas de seu patrão, que falecera naquele ano, neste episódio inclusive foi colocado um anúncio de recompensa para quem a encontrasse (Figura 3).

Na segunda tentativa ela chega a Filadélfia, cidade no estado da Pensilvânia que não permitia a escravização desde 1780. Em 1850, o Congresso aprova o *Fugitive Slave Act*, um estatuto que prevê a captura e retorno de cativos fugitivos que escaparam de um estado para o outro. Nesse mesmo ano, Harriet Tubman ajuda sua sobrinha e seus dois filhos a escaparem. A partir desse ano, ela começa a auxiliar diversas pessoas a fugirem do sistema escravocrata por meio das rotas disponíveis na *Underground Railroad*.

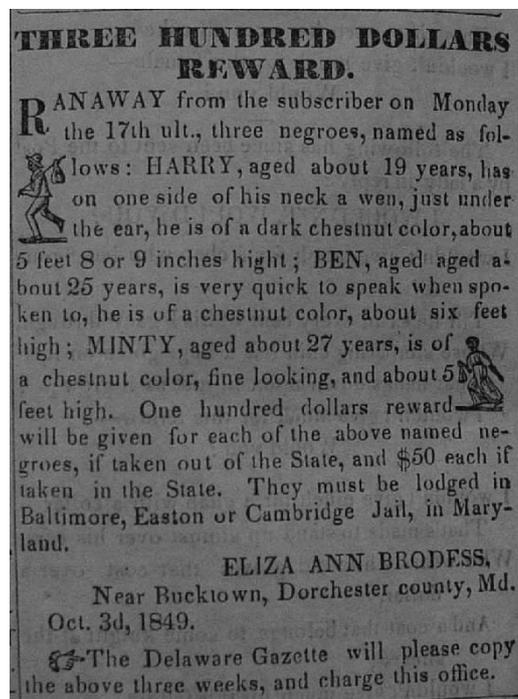


Figura 3 Aviso para recuperar três cativos, Harriet indicada como "Minty" e seus dois irmãos, que tentaram fugir com ela na primeira vez. Fonte: LARSON, Kate Clifford. Harriet Ross Tubman Timeline. Meridians, vol.12, n. 2, p. 12, 2014.

The Underground Railroad e a Guerra Civil

Na participação de Harriet Tubman na rota de fuga conhecida como *Underground Railroad* (1820 – 1861), como mencionado na terceira parte deste artigo, ela serviu como condutora para mais de 70 cativos²⁰, realizando aproximadamente treze viagens de ida e volta nesta rota (WHITEHEAD, 2014a). A ferrovia consistia em um trabalho em rede conectando inclusive pessoas negras e pessoas brancas, que assumiam os papéis de condutores (eram os guias), agentes (ajudavam a encontrar as rotas), estações (esconderijos que eram geralmente casas), chefes de estação (aqueles que escondiam os fugitivos em suas casas), carga (eram os fugitivos) e os acionistas (pessoas que doavam dinheiro para manter essas rotas) (WAGGONER, 20[-]). Nenhum condutor sabia toda a rota, ela era dividida em pequenas rotas de estação para estação. Os números de fugitivos variam entre 50 mil e 100 mil, e estima-se que 3 mil pessoas faziam parte da *Underground Railroad* em algum dos papéis citados anteriormente. Com a aprovação da lei *Fugitive Slave Act*, auxiliar ou ajudar a esconder um fugitivo se tornou ofensa em nível federal, tornando todas as atividades da rota crime com seis meses de prisão e multa de mil dólares (FREEDOM CENTER, 20[-]).

Dessa maneira, existe uma dificuldade de precisar quanto cada membro colaborou na fuga dos escravizados. Nesta perspectiva, portanto, torna-se assim ainda mais fascinante a história da *Underground Railroad*, pois não era apenas trabalho de algumas poucas pessoas, mas de milhares que se arriscavam em nível pessoal e profissional para que outras pudessem ter condições melhores de vida. Harriet atinge uma posição de destaque, no entanto, por ser uma mulher que guiava pelas rotas, usualmente o papel feminino era de providenciar comida, roupas, cuidados médicos e local para dormir (KORGAN, 2006)²¹.

Durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), Harriet trabalhou para as forças unionistas²², ajudando o exército na Carolina do Sul, Flórida e Geórgia, como enfermeira, espiã e escoteira (WHITEHEAD, 2014a). Em 1863, teve um papel importante no episódio conhecido como *Combahee River*, nesse ataque comandado pelo General James Montgomery, e com a liderança de Harriet Tubman no Segundo Batalhão Negro da Carolina do Sul, foram libertados mais de 700 escravizados. O papel das mulheres na Guerra Civil foram os mais diversos, como

²⁰ A quantidade de escravizados que Harriet Tubman ajudou se altera de fonte para fonte, alguns chegam a citar 300 pessoas.

²¹ Sabe-se pouco sobre o papel feminino nas rotas da ferrovia, pois como aponta Andrea Korgan, elas eram quase sempre referenciadas pelo nome de seus maridos. A única outra mulher conhecida, segundo Korgan, como condutora além de Tubman é Laura Haviland, uma professora branca abolicionista.

²² “União” ou Estados do Norte eram a favor do fim da escravização.

se disfarçar de homem para se juntar as lutas, servir de espiãs, enfermeiras e também assumir o papel de chefes de família com a partida de seus maridos, filhos e pais para a guerra. Aproximadamente 250 mulheres foram identificadas como soldados da linha de frente e mais milhares como enfermeiras e espiãs (LIBRARY OF CONGRESS, 20[-]), Harriet Tubman assume uma função significativa como mulher negra liberta ao liderar um ataque que tem como propósito a emancipação de mais pessoas, papel este que já assumia desde sua própria libertação.

Com o fim da Guerra Civil, em 1865, foi aprovado pelo Congresso norte-americano a 13ª emenda da Constituição que em sua primeira seção diz “Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado”²³. No mesmo ano, Harriet, enquanto retornava para Nova York em sua casa, foi gravemente ferida por um condutor que violentamente expulsou-a do trem (LARSON, 2014a). Esse episódio nos mostra o quanto, mesmo que por lei não existisse mais discriminação, a cultura racista perdurou e ainda perdura na sociedade norte-americana. Neste período, Harriet já era reconhecida socialmente por seu papel na Guerra Civil, inclusive em 1868 é lançada a primeira biografia sobre ela escrita por Sarah Hopkins Bradford²⁴, portanto, apesar (ou até por causa) da sua fama Tubman ainda assim era alvo de comportamentos agressivos racistas.

Foi comentado anteriormente que em 1844, Harriet casa-se com um homem livre chamado John Tubman, deixando-o para trás na sua busca por liberdade e que, no entanto, em 1851, Harriet Tubman retorna para buscar seu marido, mas ele já estava com outra mulher. No lugar de seu marido, Harriet levou outros escravizados que queriam fugir e levou-os até a Filadélfia (GELEDÉS, 2009). Após esse episódio, Harriet permanece dezoito anos sem se casar, este é um fato interessante para pensarmos que estes dezoito anos foram os mais ativos de sua vida.

No texto de Andréa N. Williams, a autora aborda a questão de que muitas abolicionistas da época, assim como Tubman, eram solteiras, sejam viúvas, separadas ou nunca casadas (WILLIAMS, 2014). Apenas em 1869, Harriet casará novamente, com o ex-escravizado e

²³ Texto retirado de <https://goo.gl/Kt46ho> acesso em 20/09/2017. Atualmente existe uma grande discussão, principalmente após o lançamento do documentário, vencedor do Emmy de Melhor Documentário em 2017, “A 13ª Emenda” (AVA DUVERNEY, 2016), em que Ava, através de entrevistados expõe como a décima terceira emenda foi deturpada para continuar encarcerando pessoas negras nos Estados Unidos. Uma discussão importantíssima para refletirmos que mesmo que a escravização em sua forma legal foi terminada, existem ainda maneiras de prender e demandar trabalho forçado da população negra.

²⁴ Uma mulher branca conhecida por ser escritora de livros infantis, ela escreveu dois livros biográficos sobre a vida de Harriet Tubman.

soldado do exército unionista Nelson Davis. Além de subverter o padrão da época de permanecer casada, Harriet nunca teve filhos biológicos, apenas adotou uma menina em 1874. O ato de Harriet de deixar seu marido em busca de sua liberdade foi uma atitude que era mais praticada pelos homens do que pelas mulheres na época. Segundo Andréa N. Williams, “Tubman não apenas transgrediu papéis de gênero ao caminhar no terreno de homens líderes antiescravocratas; ela também negligenciou ou adiou – por dezoito anos – os papéis maritais que a retórica antiescraavidão reiterou como sinal da harmonia doméstica negra” (WILLIAMS, 2014a, p.117)²⁵.

No ano de 1868, Harriet realiza um pedido ao governo americano de que fosse paga pelos anos em que trabalhou como espiã e escoteira durante a guerra civil, no entanto, o pedido foi negado, mesmo que diversos homens negros, que também foram espiões durante a guerra, fossem pagos pelos seus serviços. Apenas em 1899, Tubman receberá uma pensão pelos serviços como enfermeira durante a guerra no valor de 20 dólares por mês.

Últimos anos de vida e Memória



Figura 4 Harriet por volta de 1912, com cerca de 90 anos. Esta imagem personifica a luta por liberdade e a resiliência que diversas mulheres negras precisaram desenvolver ao longo de suas vidas. Mesmo que muitas não tenham sobrevivido ao sistema escravocrata, a imagem de Tubman demonstra a resistência de todas elas. Fonte <https://goo.gl/LVZW9V> Acesso em 07/08/2018.

²⁵ Traduzido pela autora.

Em 1870, a 15ª emenda foi aprovada, garantindo o voto para os afro-americanos homens, porém nenhuma mulher de nenhuma raça poderia votar. A partir nos anos 90 do século XIX, Harriet começa a se tornar mais ativa no movimento pelo sufrágio feminino, comparecendo a conferências tanto de mulheres brancas quanto negras. O lado feminista de Tubman é mais fortemente conhecido pelo seu envolvimento na luta pelo sufrágio feminino. Em 1896, ela participa da fundação da *National Association of Colored Woman* [Associação Nacional das Mulheres de Cor] e no mesmo ano ela comparece a uma convenção sufragista em Rochester, Nova Iorque. As mulheres só conquistariam o direito de voto com a 19ª emenda em 1920, mas infelizmente Harriet não estaria viva para acompanhar a vitória na luta pelo sufrágio feminino. Segundo Mônica Karawejczyk (2013), alguns estados desde 1890 tinham o sufrágio feminino em suas constituições estaduais, mas em nível nacional só começou a ser debatido a partir de 1913 no Congresso. Podemos destacar aqui um episódio que pode ter incitado esse avanço nacional de debate sobre o tema, que foi a marcha em Washington no dia 13 de março de 1913 onde milhares de mulheres estiveram presentes.

Em 1896, Harriet Tubman compra por meio de um leilão uma propriedade próxima de seu terreno²⁶ por 1.450 dólares para construir uma casa e hospital para indigentes, idosos e enfermos afro-americanos, aberta apenas 1908 em Auburn, Nova Iorque. Na época Harriet recebia apenas oito dólares de pensão por ser viúva de Nelson Davis e com a ajuda da *AME Zion Church* levantou fundos para comprar e manter o local. Devido a sua condição financeira, no entanto, não conseguiu mais manter a casa, doando definitivamente para a igreja que a ajudou a comprar o local. Já doente, Harriet se interna nessa instituição e, dois anos depois em 1913, falece de pneumonia. Mesmo não possuindo muito dinheiro e bens, Harriet sempre que possível tentou ajudar o próximo seja por meio da colaboração da fuga, seja na construção de um lar para aqueles que necessitavam.

Recentemente, em 2013, o presidente dos Estados Unidos na época, Barack Obama (LARSON, 2014b), sancionou o espaço para o *Harriet Tubman Underground Railroad National Monument*²⁷ no condado de *Dorchester, Maryland*, esse local preserva a natureza do local e ainda conta com um museu sobre a história de Harriet. Em março de 2017, foi inaugurado o *Harriet Tubman Underground Railroad Visitor Center*²⁸, um centro de visitantes.

²⁶ Em 1859, Harriet havia comprado um terreno e casa de William H. Seward (futuro secretário do Estado de Lincoln) em Auburn, Nova Iorque por \$1.200. Nessas fontes não ficam explícitas como Harriet recebia dinheiro suficiente para as compras deste primeiro terreno.

²⁷ Para saber mais sobre o parque acesse <https://www.nps.gov/hatu/index.htm> Acessado em 20/09/2017.

²⁸ Para saber mais sobre o centro de visitantes acesse http://harrietubmanbyway.org/harriet-tubman/#_visitorcenter. Acessado em 20/09/2017.

Esses dois locais fazem parte de uma trilha autoguiada de aproximadamente duzentos quilômetros e 36 locais entre os condados de Carolina e Dorchester, chamado de *Tubman Byway* e que, segundo o site, “É o único lugar no mundo que preserva e interpreta os lugares onde Harriet Tubman nasceu, viveu, trabalhou e de onde fugiu”²⁹.

Por mais que a história de Harriet Tubman tenha passado longe de ser considerada normal entre outras histórias de resistências, todas possuem esse substantivo feminino em comum, umas com mais sucesso e outras com menos. Resistir nem sempre significa sobreviver no final ou ter sua história contada nos livros, mas possuir a capacidade de suportar e lutar no presente por uma vida melhor para si e para os outros com intuito de construir um futuro menos desigual e que preserve os direitos humanos. Este é o maior legado que Harriet Tubman e tantas outras nos deixam.



Figura 6 Monumentos à memória de Harriet Tubman em Boston (Massachusetts), Bristol (Pensilvânia), Battle Creek (Michigan) e Harlem (bairro de Manhattan na cidade de Nova Iorque). Fontes: <https://goo.gl/1nNyGY> <https://goo.gl/1g9bsi>, <https://goo.gl/1fw74M> e <https://goo.gl/8z5cbZ> nesta ordem.

Considerações finais

Foi um grande desafio escrever sobre o papel da mulher negra na resistência à escravização nos Estados Unidos; primeiramente, pois foram poucas bibliografias encontradas sobre o assunto em português, e muitas tratam de forma mais abrangente sobre o período³⁰. Em

²⁹ Os 36 locais podem ser explorados através do site http://harriettubmanbyway.org/the-byway/#_about. Acessado em 20/09/2017.

³⁰ No entanto, podemos mencionar trabalhos que tratam da agência de mulheres negras na resistência à escravização brasileira como CARNEIRO, 2010; SILVA, 2010; BARROS, 2011; GONÇALVES, 2011;

segundo lugar, é sabido que, na educação básica, pouco ou nada sobre a História dos Estados Unidos é estudado, principalmente nesses anos coloniais e pós-coloniais; algo que causa estranhamento, já que é uma fase extremamente parecida com a brasileira, o que ajudaria os alunos e alunas a realizar o importante exercício de entender semelhanças e diferenças. Por fim, a ótica da resistência ainda é pouco explorada, com é o caso de Harriet Tubman, é fundamental que seja passado aos educandos que a luta por melhores condições de vida perpassou pelos atos dos cativos e que eles não foram passivos nesse sistema maléfico.

Resgatar o histórico da participação das mulheres na história (refletindo também sobre o recorte de raça e classe) se torna assim fundamental em uma luta pela construção do conhecimento histórico plural. Episódios como a escravização estadunidense, a Guerra Civil e a *Underground Railroad* nos indicam que elas estiveram presentes, nem sempre como protagonistas e nem sempre com histórias que chegaram até os dias atuais, mas aquelas que conhecemos precisamos escrever e contar. O intuito deste artigo, portanto, foi tratar da história de uma dessas mulheres, Tubman, como observamos, teve uma longa vida de resistência extraordinária e inspiradora e que merece ser conhecida.

Como sugestão de pesquisas futuras, seria interessante explorar as similitudes e diferenças nas formas de resistência das mulheres negras no Brasil e nos Estados Unidos da América durante o período escravagista nestes países. Ainda aprofundar pesquisas sobre os diversos papéis que as mulheres assumiram na *Underground Railroad* e também conceber novas abordagens sobre a história de Harriet Tubman.

Lições de luta pela sua comunidade, desafiando as leis racistas e não se encaixando nas normas de gênero - tanto na questão do casamento quanto na sua liderança ativa no movimento abolicionista e feminista – são exemplos. Harriet é uma fonte de inspiração para as mulheres afro-americanas nos dias atuais, demonstrando que o espírito transgressor e combativo sempre esteve presente. Que continuemos a nos inspirar com o exemplo dessas mulheres que desafiaram e desafiam o *status quo* e nos ensinam a caminhar cada vez mais além, juntas e mais fortes em busca da equidade e justiça.

Referências bibliográficas

BARROS, Ana Nery Corrêa dos Santos. Escravizada: A mulher, a mãe e a lenda por trás da escravidão. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-

Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, Campina Grande: Paraíba, 2011.

BAPTIST, Edward E. A Segunda Escravidão e a Primeira República Americana. *Almanack*. Guarulhos, n.05, p.5-41, 2013,

BBC TEACH (Canal). The life and work of Harriet Tubman (dramatization) | History - True Stories. Youtube. 6 de julho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PVI-JNa9Cu8> Acesso em 18/09/2017.

BIOGRAPHY (Canal). Harriet Tubman - Mini Bio. Youtube. 26 de janeiro de 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XmsNGrkbHm4> Acesso em 18/09/2017.

BLACKBURN, Robin. Capítulo VII: Abolição e Império: Os Estados Unidos. *A queda do Escravismo Colonial: 1776-1848*. São Paulo : Record, pp. 285-314, 2002.

BROYLD, Dann J. Harriet Tubman: Transnationalism and the Land of a Queen in the Late Antebellum. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 78-98, 2014.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Experiências de Dor, Resistências e Liberdades: Pequenas Histórias de Escravas Fugidas. *Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 2010.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha; SAMPAIO, Patrícia Melo. Histórias de Joaquinas: Mulheres, Escravidão e Liberdade (Brasil, Amazonas: Século XIX). *Revista Afro-Ásia*, n.46, pp. 97-120, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Taylor & Francis e-Library, 2 ed., 2002.

COLLINS, Patricia Hill. *Black sexual politics: African Americans, gender, and the new racism*. Taylor & Francis e-Library, 2004.

COOPER, Brittney. Does Anyone Care about Black Women? *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 153-155, 2014.

DAVIS, Angela. Capítulo 1 “O Legado da Escravidão: Parâmetros para uma nova condição da mulher”. *Mulheres, Raça e Classe*. Boitempo Editorial: São Paulo, 2016.

DELPHINO, Andréia Aparecida Grandi. Escravidão e Resistência: A condição escrava/feminina no Brasil Oitocentista. Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

DOURADO, Larissa Bagano. Escravizadas na província da paraíba: trabalho e opressão na sociedade escravista (1850-1888). *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.4, nº1, p. 241-258, jan.-jun 2017.

- GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. "Harriet Tubman", Disponível em <https://www.geledes.org.br/harriet-tubman/>. 2009. Acesso em 20/09/2017.
- GONÇALVES, Aline Najara da Silva. *Luiza Mahin: uma rainha africana no Brasil*. 1.ed. - Rio de Janeiro : CEAP, 2011.
- GUMBS, Alexis Pauline. Prophecy in the Present Tense: Harriet Tubman, the Combahee Pilgrimage and Dreams Coming True. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 142-152, 2014.
- Harriet Tubman Historical Society. Disponível em www.harriet-tubman.org Acesso em 07/08/2018.
- HOBSON, Janell. Between History and Fantasy: Harriet Tubman in the Artistic and Popular Imaginary. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 50-77, 2014.
- HOBSON, Janell. Harriet Tubman: A Legacy of Resistance. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 1-8, 2014.
- HOBSON, Janell. The Rape of Harriet Tubman. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 161-168, 2014.
- JALES, Luanna. Quem foi Harriet Tubman? - Mulheres na História, Canal Leitura Obriga HISTÓRIA. Youtube. 4 de abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7HfoVUXZFio> Acesso em 18/09/2017.
- KARAWEJCZYK, Mônica. *As suffragettes e a luta pelo voto feminino. História, imagem e narrativas*. N. 17, outubro de 2013.
- KORGAN, Andrea. "Heroes in Petticoats: The Role of Women in the Underground Railroad". Senior Research Projects. 27, 2006. Disponível em https://knowledge.e.southern.edu/senior_research/2 Acesso 09/08/2018.
- LARSON, Kate Clifford. Harriet Ross Tubman Timeline. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 9-27, 2014a.
- LARSON, Kate Clifford. Afterword. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 219-224, 2014b.
- LEITURA OBRIGA HISTÓRIA (Canal) O que foi a segunda escravidão? - Conceitos Históricos, Canal Leitura Obriga HISTÓRIA. Youtube. 6 de abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CpGQbbyPIIE> Acesso em 21/09/2017.
- Library of Congress. Teaching With Primary Sources (MTSU): Women and the Civil War. Disponível em https://library.mtsu.edu/tps/Women_and_the_Civil_War.pdf
- LINDSEY, Treva B.; JOHNSON, Jessica Marie. Searching for Climax: Black Erotic Lives in Slavery and Freedom. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 169-195, 2014.
- LOPES, Igor Gonzaga; CARVALHO, Carina Loureano. Mulher Escrava: Uma ressignificação histórica. *Revista COCAR*, Belém, v.10, n.20, p. 236 a 254 – Ago./Dez. 2016.

- MACENA, Fabiana Francisca. Mulheres em busca de liberdade: resistência escrava em Minas Gerais na segunda metade do século XIX. *XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG)*, 2012.
- MARQUES, Leandro. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. *Revista Tempo*, Vol.23, n.2, Article 8, pp.339-359, May-Aug. 2017.
- MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. *Topoi*, v. 12, n. 23, p. 97-117, jul.-dez. 2011.
- MAY, Vivian M. Under-Theorized and Under-Taught: Re-examining Harriett Tubman's Place in Women's Studies. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 28-49, 2014.
- MIRANDA, Amanda Rodrigues de. Família escrava no Brasil: um debate historiográfico. *Temporalidades – UFMG*, vol. 4, n. 2, Ago/Dez 2012.
- National Underground Railroad Freedom Center. History. Disponível em <http://freedomcenter.org/enabling-freedom/history> Acesso em 09/08/2018.
- PELLIZZARO, Nilmar. Michel Foucault: Um estudo do biopoder através a partir do conceito de governo. *Peri*, v.05, n. 01, pp . 155 - 168, 2013.
- SANTOS, Joceneide Cunha dos; MENDES, Francimaura Coutinho. Entre Redes de Solidariedade e Lutas: A experiência das libertas na vila de Porto Seguro (1873 – 1885). *GÊNERO*, Niterói, v.16, n.2, pp. 33 – 54, 2016.
- SILVA, Maria da Penha. Mulheres Negras: Sua participação histórica na sociedade escravista. *Cadernos Imbondeiro*, João Pessoa, v.1, n.1, 2010.
- SILVA, Wladimir Barbosa; BARRETO, Maria Renilda N. Mulheres e Abolição: Protagonismo e Ação. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 14, pp.50-62, jul. – out de 2014.
- TRISTAN, Jenifer. Mulheres negras, capitalismo e revolução. Site *Esquerda Diário*. 13 de julho de 2017. Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/Mulheres-negras-capitalismo-e-revolucao-16536> Acesso em 22/09/2017.
- VARELA, Gabriely Nascimento. “Dandaras, Carolinas e Marias... até que todas sejamos livres”: Histórias de lutas e resistências das mulheres negras no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal: Rio Grande do Norte, 2016.
- WAGGOVER, Cassandra. The Underground Railroad (1820 – 1861). Disponível em <http://www.blackpast.org/aah/underground-railroad-1820-1861> Acesso em 09/08/2018.
- WHITEHEAD, Karsonya Wise. Beyond Myths and Legends: Teaching Harriet Tubman and Her Legacy of Activism. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 196-218, 2014a.

WHITEHEAD, Karsonya Wise. Harriet Tubman: From Maternal Mother to Jezebel. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 156-160, 2014b.

WILLIAMS, Andreá N. Frances Watkins (Harper), Harriet Tubman and the Rhetoric of Single Blessedness. *Meridians*, vol.12, n. 2, pp. 99-122, 2014.